

GILBERTO ALVES



Ao lado das filhas Maria do Carmo e Inês Maria, D. Risoleta visitou ontem o túmulo de Tancredo

Missá por Tancredo será hoje

Risoleta saiu de casa para acertar os últimos detalhes

CARMEM MORETZSOHN
Enviada Especial

São João Del Rey — Depois de um dia de descanso no Solar dos Neves, ontem, pela primeira vez, dona Risoleta foi vista pelo povo. Ela foi acertar os últimos preparativos para a missa de sétimo dia da morte do presidente Tancredo Neves, que será rezada hoje, a partir das 17 horas, no adro da igreja de São Francisco de Assis. Em conversa com o síndico da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis, Alfredo Pereira de Carvalho, a viúva do Presidente decidiu realizar a cerimônia ao lado externo do templo, para que todo o povo são-joanense possa participar das orações. A missa será celebrada pelo padre Lopes, de São Sebastião da Vitória, grande amigo da família, juntamente com outros padres da cidade. Depois disso, dona Risoleta viajará pelas capitais do País, comparecendo a todas as missas que forem realizadas para intenção da alma de Tancredo Neves.

Ao lado de suas filhas, Maria do Carmo e Inês Maria, e do genro, Ronaldo Vale Simões, dona Risoleta também foi visitar — pela primeira vez desde o enterro — o túmulo do Presidente, que então recebia a presença de populares. À saída, ela recebeu cumprimentos do povo, agradecendo sempre as orações e o apoio de todos, e dirigiu-se novamente para sua casa. O túmulo do presidente Tancredo Neves tem recebido visitas constantes de são-joanenses e de turistas que saem das cidades vizinhas especialmente para isto. Alguns trazem máquinas fotográficas para registrar o momento; outros, flores que depositam na sepultura. Durante todo o tempo em que fica aberto ao público — das oito da manhã às seis da tarde — o cemitério tem permanecido cheio, sendo necessária, inclusive, a presença de guardas nos portões. Velhos, jovens e crianças rezam e choram, afinal, tudo está expresso no cartaz fixado à entrada do local: "Dona Risoleta, a senhora não está sozinha. Todos rezamos juntos".

A cidade segue a sua vida normal: crianças vão às escolas, o comércio cumpre seu horário e uma mudança significativa no comportamento dos são-joanenses é sentida através das roupas escuras e das fitas negras penduradas no peito de cada um. O bate-papo nas esquinas continua igual, com uma diferença: o assunto todo gira em torno da doença do presidente — muitos acham que foi

inexperiência dos médicos — e do futuro da política brasileira, com um agravante para a política local: o povo acredita-se agora sem representantes legais.

Os mais jovens, mesmo sem ter a exata consciência da dimensão do fato, não brincam muito. Vários deles compareceram ao enterro e sentem-se, até hoje, desolados com o sofrimento de todos. Também comentam entre si: "a cidade vai ficar vazia..." Carros de várias cidades da região transitam pelas ruas estreitas de São João Del Rey. Turistas tiram fotos em frente ao Solar dos Neves. Caminham pela cidade e querem saber de toda a vida de Tancredo Neves: onde estudou, onde casou e onde iniciou-se na política. Em cada local, uma foto para registrar a visita.

Nas casas são vistas bandeiras brasileiras com tarjas pretas penduradas nas paredes: sinal de um luto que só vai acabar depois da missa de sétimo dia. Do seu interior não se ouvem músicas, como é habitual no cotidiano da cidade. Nem conversas animadas: elas são feitas em tom baixo, discreto.

Os arabescos feitos em areia e flores para o dia do enterro já foram desmanchados: varridos. O rosto do Presidente — esculpido em areia molhada —, que tinha recebido beijos de muitos populares, foi coberto com gesso. Dele será tirado um molde para outro trabalho — também em gesso — que poderá ser colocado no museu Barbara Eliodora. O trabalho dos artistas são-joanenses irá se prolongar até a próxima segunda-feira, quando, então, a obra será levada para receber os últimos retoques. Enquanto isso, curiosos concentram-se em frente ao largo de São Francisco — local onde a obra estava exposta — pesarosos por não poder mais ver o grande rosto de Tancredo Neves.

Os sinos da igreja de São Francisco de Assis estão calados e só voltarão a chorar próximo da hora da missa de sétimo dia. Espera-se quase que o mesmo número de pessoas que compareceram ao local para dar o seu último adeus ao Presidente também esteja presente para a cerimônia de hoje. Afinal, o grande número de igrejas que existe na cidade — 22 — demonstra o grau de religiosidade do povo mineiro, que tem rezado mais do que o habitual. E, muitas vezes, durante suas orações, o presidente Tancredo Neves é considerado como o santo que iria redimir a Nação. E que até morreu por ela. Qualquer semelhança...